

José de Nazaré

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Verlinde, Joseph-Marie

José de Nazaré : história, espiritualidade, teologia / Joseph-Marie Verlinde ; tradução de Felipe Sardinha Bueno. – São Paulo : Paulus, 2026.

ISBN 978-85-349-6035-9

Título original: Joseph de Nazareth

1. José, Santo - Biografia 2. Santos cristãos I. Título

II. Bueno, Felipe Sardinha

26-0389

CDD 922.22

Índice para catálogo sistemático:

1. José, Santo - Biografia

Pe. Joseph-Marie Verlinde

Tradução:

Pe. Felipe Sardinha Bueno

José de Nazaré

História, espiritualidade, teologia



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Joseph de Nazareth*

© AELF pour les textes liturgiques

© 2024, Groupe Elidia

Éditions Artège

9 espace Méditerranée – 66000 Perpignan

10 rue Mercœur – 75011 Paris

www.editionsartege.fr

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigebber

Revisão

Tiago José Risi Leme

Tatianne Francisquetti

Darlei Zanon

Tiago Soares Barbosa

Design

Andrea Cristina Florez Marin

Imagem da capa

Getty Images

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091

São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-6035-9



“Que São José o ajude a amar
a Deus acima de tudo!”

Padre Pio

Índice

Nota à edição brasileira	11
Introdução	13
Primeira parte – José das Escrituras	21
1. Na escola das Escrituras.....	23
2. A árvore genealógica de Jesus Cristo	31
Três vezes catorze gerações	32
Na transição entre o Antigo e o Novo Testamento	35
Novos tempos, novo comportamento	37
3. Prometidos um ao outro.....	39
Dois jovens de Nazaré.....	41
Um jovem no auge da vida	43
4. Um casamento virginal.....	53
Apressar a vinda do Messias	53
Uma verdadeira aliança nupcial	56
A associação do <i>eros</i> com o <i>ágape</i>	59
Fecundidade sobrenatural da virgindade conjugal	63
5. A provação de José.....	67
À sombra do Espírito Santo	67
O justo José.....	69
O anúncio feito a José	74
6. O <i>fiat</i> de José	81
A obediência da fé de José.....	82
O esposo de Maria e pai do Menino	84
Paz e alegria	89
A Sagrada Família	91
7. O Menino da promessa	95
Um evento que faz parte da história.....	95
Belém, a cidade de Davi	98

Nasceu-nos uma criança	99
Paz aos homens que Deus ama.....	103
A jornada exemplar de fé dos pastores.....	107
A adoração de José.....	110
Feliz és tu, José	113
8. Atos sob a responsabilidade do pai.....	115
A circuncisão	115
A nomeação.....	120
9. A entronização do Senhor da glória	123
A consagração a Deus do Menino da promessa	123
O encontro com Simeão.....	128
A ação de graças da humanidade agraciada	132
10. De Belém a Nazaré, passando pelo Egito	137
A adoração dos magos.....	138
O anjo protetor do Menino	142
O massacre dos Inocentes	144
11. O retorno a Nazaré.....	155
Segunda parte – Na sua casa, José de Nazaré.....	163
Introdução	165
12. Jesus aos doze anos no templo	171
13. A vida “oculta”	181
Os anos “obscuros”	181
Maria: modelo dos <i>anawim</i>	182
José, o pobre de coração por excelência	186
14. O caminho real das bem-aventuranças.....	193
Programa de vida cotidiana da Sagrada Família.....	193
Felizes!.....	194
15. Bem-aventurados os pobres e os mansos.....	203
A pobreza material.....	203
Os pobres: iniciadores do Reino	205

A pobreza de coração	208
Felizes os mansos	210
16. A paixão pela santidade do Pai.....	215
Felizes os que choram	215
Felizes os que têm fome e sede de justiça.....	222
Felizes os misericordiosos	229
17. A participação do homem na natureza divina	239
Felizes os puros de coração.....	239
Felizes os que promovem a paz	247
Abertura.....	252
18. Verdadeiros cônjuges	257
As paixões da alma.....	258
O florescimento sobrenatural da afetividade	260
A doutrina dos sentidos espirituais	263
19. Verdadeiros pais.....	271
A maternidade da Virgem Maria.....	271
A paternidade de São José.....	273
20. A vida em Nazaré ao longo dos dias.....	285
Uma vida de trabalho	285
Uma vida de oração	287
Uma vida de estudo	290
À luz da caridade	292
Abertura.....	295
Abertura pessoal	295
Abertura eclesial	298

Nota à edição brasileira

São José apresenta-se como um personagem bíblico e, no contexto da tradição e do magistério, como alguém discreto, singelo e, de certo modo, “escondido”, mas marcado por sua fidelidade, seu respeito, sua justiça, sua honradez e, principalmente, seu caráter de total entrega ao projeto de Deus, que todos somos chamados, de modos distintos, a integrar.

Sua missão ilumina o apostolado da Igreja, e, a partir desta obra-prima acerca de sua contribuição no processo de salvação, podemos encontrar instrumentos preciosos para o aprofundamento dos estudos josefológicos e para a construção de uma experiência eclesial, espiritual e existencial em consonância com o Deus de amor, ao qual José dedicou sua vida terrena, seus pensamentos e seu trabalho cotidiano.

Como a bela canção do presbítero santista Lúcio Floro entoava, “José, humilde artesão, trabalhaste noite e dia para não faltar o pão” na casa de Nazaré. Que nosso entusiasmo pelo Reino de Deus seja nossa “bandeira” cotidiana a ser defendida e nutrida pela oração e pelo testemunho em comunhão com os planos divinos em nossa vida, e, nesse sentido, São José pode contribuir muito para nossa espiritualidade teológica comprometida e frutífera em atitudes transformadoras.

Boa leitura!

*Pe. Dr. Felipe Sardinha Bueno,
tradutor da versão francesa ao português*

Introdução

*“A Igreja não tem nada mais ilustre do que São José, porque não tem nada mais discreto”
(Jacques-Bénigne Bossuet).*

O papa São João Paulo II concluiu sua exortação apostólica sobre a figura e a missão de São José na vida de Cristo e da Igreja, *Redemptoris Custos*,¹ com um apelo vibrante para que tomemos São José como mestre:

Que São José se torne para todos um mestre singular no serviço da missão salvífica de Cristo – missão que incumbe a todos e a cada um na Igreja: aos cônjuges, aos pais, àqueles que vivem do trabalho de suas mãos ou de qualquer outro trabalho, às pessoas chamadas à vida contemplativa, assim como àquelas chamadas ao apostolado (n. 32).

Alguns anos antes, o cardeal Joseph Ratzinger havia explicado, em uma de suas obras, as razões pelas quais tal retorno a São José é necessário para a renovação da Igreja do terceiro milênio:

A Igreja não pode crescer e prosperar se ignorar que suas raízes ocultas estão mergulhadas na atmosfera de Nazaré. Pois trabalhar com Jesus trabalhador, mergulhar em “Nazaré”, torna-se o ponto de partida para uma nova concepção da Igreja pobre e humilde,

1 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica *Redemptoris Custos* sobre a figura e a missão de São José na vida de Cristo e da Igreja, 15 de agosto de 1989; citado a partir daqui como RC.

de uma Igreja família, de uma Igreja nazarena. Nazaré esconde uma mensagem permanente para a Igreja. Não é no templo, nem mesmo na montanha sagrada, que começa a Nova Aliança, mas na cabana da Virgem, na casa do trabalhador, num lugar esquecido da “Galileia dos pagãos”, de onde ninguém esperava nada de bom. É sempre voltando a este ponto de partida que a Igreja deve regenerar-se.²

Para crescer na fidelidade às suas origens, a Igreja deve voltar incessantemente às suas raízes, que se enterram profundamente na terra de Nazaré, onde o Verbo de Deus feito carne quis permanecer durante trinta anos, muitos dos quais sob a autoridade de São José.

O convite insistente do cardeal Ratzinger e o de João Paulo II são ainda mais notáveis pelo fato de que a devoção a São José surgiu tardiamente e só se desenvolveu realmente a partir do final do século XV: quando se falava dele antes disso, era frequentemente em um contexto bastante embaraçoso. Até o século XIV, de fato, a reflexão sobre São José permaneceu à sombra da mariologia e da cristologia – o que levou a iconografia a privilegiar os relatos de São Lucas e de São Mateus, cujos Evangelhos da infância se concentram em Maria, mantendo-se muito discretos sobre José. Quanto aos apócrifos, eles contribuíram para a difusão da imagem de um José idoso – viúvo, com filhos e filhas de um primeiro casamento – que, sem dúvida, respeitava a virgindade de sua esposa.

Os próprios Padres da Igreja – com algumas exceções, e não das menores, como Santo Agostinho (354-430) ou São Bernardo de Claraval (1090-1153) – sentem certo constrangimento em evocar a realidade do vínculo conjugal entre Maria e José; por isso, falam sobre isso apenas com discrição.³ Uma insistência excessiva na paternidade de José não levaria a minimizar – ou mesmo a questionar – a filiação divina de Cristo? No contexto dos grandes debates trinitários que estão no centro da reflexão patrística e que culminarão nos Credos

2 RATZINGER, Joseph. *Le Ressuscité*. Paris: DDB, 1986. p. 84.

3 Esse será o caso de São Cirilo de Jerusalém (313-386), São Basílio, o Grande (329-379), São Gregório de Nazianzo (329-390), Santo Ambrósio (333-397), São João Crisóstomo (344-398) e São Jerônimo (347-420), citando os mais célebres.

de Niceia (325) e de Constantinopla (381), parece mais prudente afirmar unilateralmente a paternidade eterna de Deus (o Pai) e reduzir a de José a uma paternidade fictícia, destinada a inscrever Jesus na linhagem de Davi e a preservar a honra da Virgem Maria.

“Afirmar a paternidade de José”, escreve Paul Payan,

poderia, de fato, favorecer as tendências adocionistas ou arianas que se recusam a ver em Cristo o filho de Deus igual ao Pai. Por outro lado, recusar a realidade da encarnação e a inserção de Cristo na genealogia de Davi levaria ao modalismo, ou seja, à negação da distinção das três Pessoas da Trindade. Assim, surge uma dupla paternidade para Cristo: a de Deus Pai, eterna e criadora de poder, e a de José, temporal e fictícia, destinada a fazer de Jesus o filho de Davi e o filho do Homem. Maria confere a Jesus sua humanidade carnal, José o insere em uma genealogia e em uma sociedade. É o que explica Santo Agostinho ao comentar o episódio do templo, quando Jesus afirma sua filiação divina: “Eles eram seus pais no tempo, e Deus era seu Pai desde toda a eternidade. Eles eram os pais do Filho do Homem, Deus era o Pai de seu Verbo, de sua sabedoria, o Pai desse poder pelo qual Ele criou todas as coisas” (*Sermão LI*, cap. XII; *PL* 38, col. 343).

Diante do poder da paternidade divina, José não pode deixar de se eclipsar.⁴

Ele deve contentar-se em ser o pai “reputado” da criança – ou seja, aquele que é considerado como tal pela sociedade humana⁵ – e o “guardião” da Virgem, mais do que seu esposo. A assimetria entre o homem e a mulher nas primeiras apresentações desse casal constituído por José e Maria é tal que podemos nos questionar se ele é realmente digno desse nome.

Felizmente, a história da espiritualidade corrigirá amplamente essa visão redutora a partir do século XIV – com o beato João Duns

4 PAYAN, Paul. *Joseph, une image de la paternité dans l'Occident médiéval*. Paris: Aubier, 2006. p. 39. (Col. Historique).

5 O termo, pouco harmonioso, é derivado da versão latina do Evangelho: “*ut putabatur filius Joseph*”, “ele era, acreditavam, o filho de José” (Lc 3,23).

Scotus (1266-1308), Pedro de Ailly (1350-1420) e seu discípulo João Gerson (1363-1429),⁶ sem esquecer São Bernardino de Sena (1380-1444) – e, sobretudo, durante os séculos XVI e XVII, com os cantores de São José que foram Isidoro Isolani († 1528), Santa Teresa de Ávila (1515-1582) e São Francisco de Sales (1567-1622), bem como com a Escola Francesa de Espiritualidade – em especial o cardeal de Bérulle (1575-1629), Jean-Jacques Olier, conhecido como monsenhor Olier (1608-1657), São João Eudes (1601-1680) e Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704).

Dito isso, essas exceções importantes confirmam, no entanto, a regra de que a teologia especulativa não se interessava pelo esposo da Virgem Maria nem pelo pai adotivo de Jesus. Em uma famosa carta dirigida ao Dr. Pusey, São John Henry Newman (1801-1890) traduz o sentimento que temos espontaneamente diante dessa surpreendente discrição, embora o papel proeminente de São José no mistério da encarnação seja mais do que evidente:

Havia santos mais próximos de Nosso Senhor do que os apóstolos ou os mártires; mas, como se estes tivessem se perdido no brilho de Sua glória, e por não terem se manifestado durante a vida por obras externas fora dele, o resultado foi que, durante muito tempo, foram objeto de menos atenção. Então, à medida que se sucederam tempos relativamente calmos, e graças às meditações piedosas de algumas figuras santas e à sua misteriosa comunhão com o céu, surgiram no firmamento da Igreja esses astros luminosos, mais importantes e mais augustos do que todos os que os precederam, e que surgiram tarde precisamente porque brilhavam com um esplendor particular. São José é o exemplo mais marcante: ele nos oferece o exemplo mais claro da distinção entre *doutrina* e *devoção*. Quem, por suas prerrogativas e pelos testemunhos que nos dão fé, jamais teve mais direito do que ele de receber desde cedo a homenagem dos fiéis? Proclamado santo pelo Evangelho,

6 Ambos foram chanceleres da Notre-Dame e da Universidade de Paris. Foi a pedido insistente de Gerson, dirigido ao Concílio de Constança, que o papa Sisto IV estendeu, em 1481, o culto a São José à Igreja universal. O dia 19 de março foi instituído como festa solene de São José, em 8 de dezembro de 1870, pelo beato Pio IX, no decreto que proclamava São José “padroeiro da Igreja Católica”. Esse ato foi confirmado pela Carta Apostólica *Inclytum Patriarcham*, de 7 de julho de 1871.

pai adotivo de Nosso Senhor, ele foi desde o início um objeto de fé absoluta e universal para o mundo cristão; e, no entanto, a devoção a ele é relativamente recente. Quando começou, os homens se surpreenderam por não terem pensado nisso antes; agora colocam São José ao lado da Virgem Maria em sua veneração e piedosa afeição.⁷

São João XXIII fez a mesma constatação, com espanto:

No culto da Santa Igreja, Jesus, Verbo de Deus feito homem, recebeu desde o início a adoração que lhe era devida e que é incomunicável, pois ele é o esplendor da substância de seu Pai que irradia na glória dos santos. Maria, sua Mãe, seguiu-o de perto desde os primeiros séculos, nas imagens das catacumbas e basílicas, piedosamente venerada: “*Sancta Maria, mater Dei*”. José, ao contrário, com exceção de algumas aparições esporádicas encontradas aqui e ali nos escritos dos Padres, permaneceu, durante séculos, em um característico apagamento, um pouco como uma figura ornamental no quadro da vida do Salvador. E levou tempo até que seu culto penetrasse dos olhos ao coração dos fiéis e fizesse brotar um movimento especial de oração e abandono confiante. Essas alegrias de fervor foram reservadas às efusões da época contemporânea: oh, quão ricas e imponentes!

Embora o culto a São José tenha conhecido um desenvolvimento gradual, a devoção do povo de Deus por ele é atestada desde os primeiros séculos. Citaremos como exemplo apenas o apócrifo copta *História de José, o carpinteiro*, datado provavelmente do século IV-V, no qual Jesus promete aos devotos de seu pai diferentes graças, entre elas uma proteção especial no momento da morte:

Aquele que, em teu nome, der um pão na mão do pobre, e aqueles que derem um suborno na mão de um estrangeiro, de uma viúva ou de um órfão no dia da tua comemoração, eu os apresentarei a ti para que os leves ao banquete dos mil anos. Quando eles deixarem

7 NEWMAN, John Henry. *Du culte de la Sainte Vierge dans l'Église catholique*. Paris: Pierre Téqui, 1908. p. 45-46.

seus corpos, eu quebrarei o laço de seus pecados para que não sejam atormentados: exceto pela necessidade da morte e pelo rio de fogo que se encontra diante da face de meu Pai e purifica todas as almas. Aqueles que se ocuparem em escrever a tua vida, eu lhes confiarei a ti neste mundo. Aquele que tiver um filho e lhe der o nome de José, nem a escassez nem a doença entrarão em sua casa, porque o teu nome se encontra nesse lugar (26,3-6).⁸

Essa devoção popular espontânea a São José confirma mais uma vez que o *sensus fidei fidelium* – o sentido da fé dos fiéis – não pode enganar-se, pois é movido pelo Espírito Santo.

No entanto, estamos sem dúvida apenas no início da revelação da figura de São José.

Um sinal do céu nos foi dado em 13 de outubro de 1917: em Fátima, enquanto a multidão, assustada com o milagre do sol, clama ao céu, São José aparece aos três pastorinhos – Lúcia, Jacinta e Francisco – carregando o menino Jesus nos braços; ele está acompanhado por Nossa Senhora, vestida de branco e coberta por um manto azul. São José e o menino Jesus parecem abençoar o mundo, traçando com a mão o sinal da cruz. Esse acontecimento não sugere que chegará o tempo em que São José sairá da sombra para participar mais na revelação do Salvador, ao lado da Virgem Maria, e levar ao mundo a bênção do Pai dos céus, que nos vem pela encarnação redentora do seu Filho único?

Respondendo à pergunta: “Por que a devoção a São José foi tão tardia?”, o cardeal Pie (1815-1880), bispo de Poitiers, escreveu em sua *Instrução Pastoral* de 4 de março de 1871:

O culto a São José era um dos presentes que o pai de família, como um economista prudente, havia decidido retirar mais tarde de seu tesouro. O véu que cobre o nome e o poder do venerável José durante os primeiros tempos cristãos parece ser a continuação do silêncio que envolveu sua carreira mortal; é a continuação dessa

8 GIAMBERARDINI, G. Saint Joseph dans la tradition copte. *Cahiers de Joséphologie*, Montréal, Centre de recherche et de documentation, Oratoire Saint-Joseph, v. XVII, n. 1, p. 49-61, jan.-jun. 1969.

vida oculta, cujos esplendores deveriam maravilhar ainda mais a inteligência e o coração dos fiéis, pois sua revelação teria sido contida por mais tempo.

Por isso, é bom, no início deste terceiro milênio, voltar às fontes, ou seja, às Escrituras, interpretadas pela Tradição da Igreja e seu magistério, para redescobrir o frescor dessa figura à qual o Espírito nos convida a voltar nossos olhares.

Nesta modesta obra, não pretendemos trazer novos elementos para a reflexão sobre São José, mas simplesmente reunir e enraizar nas Escrituras meditações que, ao longo da história da espiritualidade, alimentaram a devoção ao esposo da Virgem e pai de Jesus.

Podemos distinguir duas etapas no ministério confiado por Deus a São José. A primeira, bastante agitada, nos levará desde o chamado de José até o retorno a Nazaré após o exílio no Egito. A segunda nos convidará a meditar sobre os anos de vida oculta em Nazaré.

Nossa única ambição, ao tecer as reflexões que compõem esta obra sobre a trama das Escrituras, é contribuir para que São José seja mais conhecido e amado, a fim de que ele nos introduza na intimidade daquela que lhe foi dada por esposa e do Fruto divino de seu amor casto.